



A FORMAÇÃO DOCENTE NOS DIFERENTES ESPAÇOS EDUCATIVOS EM ARTE: UM OLHAR MAIS ALÉM...

A TEACHER TRAINING IN DIFFERENT AREAS IN ART EDUCATION: ONE MORE LOOK BEYOND ...

Aline Amaral de Freitas¹
Mara Lúcia Bueno²

RESUMO: O presente artigo é resultado do trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais Licenciatura UNIVALI-PARFOR. Este estudo apresenta a análise das contribuições do estágio curricular obrigatório nos diferentes espaços educativos, visando fortalecer a formação do docente em Arte. Buscou-se responder o seguinte questionamento: Como o estágio supervisionado nos diferentes espaços educativos formais e não formais contribui para a formação do docente em Arte? Enquanto objetivo geral buscou-se analisar as contribuições das práticas de estágios nos diferentes espaços educacionais formais e não formais a fim de fortalecer a formação do docente em Arte. Como objetivos específicos buscou-se identificar a importância dos estágios para a formação docente, identificar os espaços e diferenciá-los entre formais e não formais, identificar os espaços da Arte nos currículos, refletir sobre as práticas observadas e aplicadas e suas contribuições para a formação docente. A metodologia pautou-se pela abordagem qualitativa com métodos bibliográficos e de observação participativa. Os principais autores que pautaram as reflexões neste estudo foram Barbosa, Arroyo e Martins entre outros que possibilitaram refletir e discutir sobre as percepções advindas da realidade, experiências e práticas vivenciadas. O resultado deste estudo revela que as práticas de estágio nos diferentes espaços fortalecem a formação docente diante da diversidade e especificidades dos espaços, do lugar da Arte, do público e das estratégias vivenciadas e praticadas que possibilitaram a reflexão sobre a prática fortalecendo a formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços educativos. Arte educação. Formação docente.

ABSTRACT: *This article is the result of the work of completing the course in Visual Arts Degree UNIVALI - PARFOR . This study presents an analysis of the contributions of compulsory traineeship in different educational areas, in order to strengthen the training of teachers in Art . We sought to answer the following question : How does supervised in different formal and non-formal educational*

¹ Graduanda no Curso de Artes Visuais Licenciaturas PARFOR/CAPES pela Universidade do Vale do Itajaí. (E-mail: aline_amaral_freitas@hotmail.com)

² Mestre em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI (2002), Linha de pesquisa em Arte e Cultura; Especialização em Artes Plásticas (1995), pela FAAP; Especialização em Arteterapia - Fundamentos Filosóficos -Faculdade São Luiz-Brusque(2009), Graduada em Educação Artística - Artes Plásticas pela FURB(1991); Professora titular da UNIVALI, nos cursos de Arquitetura, Puplicidade e Propaganda, Relações Públicas, Design, e Artes Visuais- PARFOR.(E-mail: marabueno@univali.br.)

spaces contributes to the training of teachers in Art ? While overall goal we sought to analyze the contributions of practical internships in different formal and non-formal educational opportunities to strengthen the training of teachers in Art. Specific objectives sought to identify the importance of internships for teacher training, identify the gaps and to differentiate them between formal and non-formal, identify areas of art in the curriculum, reflect on the observed and applied practices and their contribution to the formation teaching. The methodology was guided by qualitative approach to bibliographic methods and participant observation. The main authors who guided the reflections in this study were Barbosa, Arroyo and Martins among others that allowed reflect and discuss the resulting perceptions of reality, experiences and practices experienced. The result of this study reveals that the practice stage in different spaces strengthen teacher training on diversity and specificities of the space , the place of art, the public and the experienced and practiced that allow for reflection on practice strengthening teacher training strategies.

KEYWORDS: Educational Spaces. Art education. Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

...Quem ensina aprende ao ensinar
E quem aprende ensina ao aprender.
Não há docência sem discência.
(Freire, 1998, p.25)

Este estudo foi elaborado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais convênio UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí e PARFOR – Programa de Formação de Professores da Educação Básica e tem como objeto de reflexão os estágios obrigatórios supervisionados realizados no decorrer do curso.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar as contribuições das práticas de estágios nos diferentes espaços educacionais formais e não formais a fim de fortalecer a formação do docente em Arte. Como objetivos específicos: identificar a importância dos estágios para a formação docente; identificar os espaços e diferenciá-los entre formais e não formais; identificar os espaços da Arte nos currículos, refletir sobre as práticas observadas e aplicadas e suas contribuições para a formação docente.

Este estudo orienta-se com a intenção de responder o questionamento: Como o estágio supervisionado nos diferentes espaços educativos formais e não formais contribui para a formação do docente em Arte?

Optou-se por investigar o objeto deste trabalho pela abordagem qualitativa e utilização de métodos de pesquisa bibliográfica e de observação participante

que, para Haguette (1987, p.69) “[...] a observação participante representa um processo de interação da teoria com métodos dirigidos pelo pesquisador na busca de conhecimento não só da perspectiva humana como na própria sociedade.” Diante disso, a observação e a prática participativa durante os estágios foram refletidas e pautadas bibliograficamente como metodologia utilizada para este estudo.

Diante da realização dos estágios, elaborou-se documentos do tipo relatórios nos cinco períodos da prática de estágio que foram analisados, levando ao aprofundamento das reflexões sobre a atuação do professor, do estagiário-professor e dos contextos vivenciados. As discussões neste artigo foram elaboradas diante das reflexões construídas em todos os estágios levando ao aprofundamento das percepções advindas das observações e intervenções nos diferentes espaços e contextos como observação participativa.

As discussões neste estudo abordaram os espaços observados e de atuação docente durante os estágios supervisionados obrigatórios desenvolvidos no decorrer do curso de licenciatura em Artes Visuais. O Estágio é realizado do 4º ao 8º período do curso e desenvolvido em diferentes níveis de ensino e contextos educativos formais e não formais. Dentre estes períodos, o estágio foi desenvolvido na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio no Magistério, no ensino Técnico Profissionalizante e em contexto educacional não formal reconhecido como espaço museal³.

Refletindo sobre as condições destes espaços, suas significações e especificações relacionados ao processo da educação em arte é possível citar fundamentações selecionadas a partir da pesquisa bibliográfica, tendo como base teórica diversos autores. Entre eles destacam-se Barbosa; Arroyo e Martins que defendem, respectivamente, temas voltados para discussões sobre abordagens didático pedagógicas em Arte e formação docente.

Como estratégia da estruturação deste artigo, primeiramente identificou-se a importância dos estágios na formação docente nos diferentes espaços educacionais diferenciando-os, apontou-se o lugar da Arte nestes espaços de

³ Espaços museal é aquele que se caracteriza como museu. Posteriormente este conceito será abordado com profundidade.

formação e por fim a análise das práticas vivenciadas durante os estágios em reflexão sobre as contribuições destas práticas na formação docente.

Perceber e discutir tais espaços são condições consideradas relevantes na formação da competência ou saberes docentes. Estes espaços podem ser compreendidos como espaços físicos e de autonomia permeando a construção de significados sejam eles de educação formal ou não formal.

Observa-se que nas diversas instituições educacionais e culturais, independente dos níveis de ensino, reflexões dessa natureza são necessárias, pois permitem curiosidades investigativas nos diversos campos do saber, seja na formação do docente ou do discente. Diante disso, analisar o ensino da arte e seus espaços educativos é sem dúvida compreender as especificidades destes espaços e refletir a formação docente. Desta forma, dimensiona-se a relevância para a formação docente dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Arte a prática aplicada nos diferentes contextos educativos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A importância dos estágios para a formação docente em diferentes espaços educativos.

O exercício de pensar e discutir os processos de ensino e aprendizagem em arte e seus espaços, pensando a Arte como área de conhecimento e também uma linguagem expressiva para a sensibilidade estética e de transformação, é sem dúvida, despertar o olhar para além das formações metodológicas e técnicas e, para as transformações do sujeito aqui discutido como e professor de Arte em formação.

Os estágios obrigatórios supervisionados objetivam proporcionar ao acadêmico o contato com a realidade na qual atuará no âmbito de sua carreira docente sendo. O estágio constitui parte integrante do processo de formação inicial e constitui-se como espaço, tempo, comunidade e conhecimento por excelência, em que se realizando assim a união entre a teoria e a prática. Assim disposto em UNIVALI, (2011, p. 11) no artigo 3, capítulo I, Título I, estabelece como finalidade, “assegurar aos professores em formação a reflexão sobre a

prática docente em experiências de exercício profissional, que ampliem e fortaleçam atitudes, habilidades e conhecimentos”.

Segundo consta Brasil (1996) no art. 61 parágrafo único da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, quanto à formação dos profissionais da educação, terá como um dos fundamentos no segundo capítulo “II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;”

Já, Oliveira e Cunha (2006, p. 6) conceituam os estágios como: “qualquer atividade que propicie ao aluno adquirir experiência profissional específica e que contribua de forma eficaz, para sua absorção pelo mercado de trabalho.” Destacando assim a importância das atuações de estágio durante a formação inicial do licenciando nas diversas áreas e ou espaços de atuação profissional.

Segundo Brasil(2009) na Resolução CNE/CES 1/2009, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras Providências dentre elas que,

Art. 4º O curso de graduação em Artes Visuais deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades para: IV - atuar nos diferentes espaços culturais, especialmente em articulação com instituições de ensino específico de Artes Visuais

Assim, o docente licenciando em arte necessita perceber e praticar os diferentes espaços não somente de educação formal, mas também culturais configurados como espaços educacionais não formais. Esta necessidade parte da abrangência do campo de atuação docente e suas especificidades dentre elas o espaço, público e abordagem a ser planejada e aplicada em cada contexto. Segundo Kincheloe (1997) *in* (BERNARDES, s/a, p.4), quando trata da pesquisa dos contextos educacionais, diz que:

Se os professores estão sendo fortalecidos em poder para ir além das estáticas visões modernistas da cognição do professor e do conhecimento prático, eles devem tornar-se pesquisadores dos contextos educacionais (...) Neste processo, eles desenvolvem uma consciência reflexiva que lhe permite discernir as formas nas quais a percepção do professor é moldada pelo contexto sócio-cultural, acompanhado por seus códigos linguísticos, sinais culturais e visões tácitas do mundo.

Deste modo, a prática de estágio docente e a pesquisa dos diferentes espaços educativos e contextos favorecerá além da formação técnica e

metodológica a formação crítica, reflexiva e demais percepções em contextos educacionais e culturais diversos.

2.2 Espaços educativos praticados, que espaços são esses?

Parafraseando Paulo Freire (1979), entendem-se os espaços educativos não somente confinados às salas de aula tradicionais, mas além, assim, como as salas-ambiente, pátios, quadras de educação física, prédios, cujas atividades não se restrinjam às relações do aluno com professor, mas que seja um espaço educativo que possibilite outros olhares e outros mundos. A partir dessa percepção, abordaremos o espaço educacional que se confunde com os lugares onde a vida acontece diariamente, não somente dentro dos muros da escola, mas, pela cidade e pelo mundo que se configura como contexto especial para que a aprendizagem aconteça. Desta forma, durante as práticas de estágio ocorreu o contato com diversos espaços educativos dentre eles formais e não formais.

Segundo Leite quando se refere à escola ideal nos coloca como,

(...) enquanto organização social complexa, a escola é um sistema concreto de ação política; espaço de participação, de respeito, de troca, socialização e aprendizagens diversas. A escola que desejamos e que lutamos dia a dia para almejar é aquela que contribui para a formação de sujeitos inteiros, críticos, autores e autônomos, que respeita os direitos sociais das crianças; escola das múltiplas linguagens e expressões. Não é a escola da submissão, que cala, poda e castra; que se desvincula da cultura e da vida. (2004, p.2)

Indeterminadamente são tidos como espaços educativos ideais, uma vez que aconteça uma aprendizagem de valores, leituras de realidades, comportamentos, construção de novos significados, saberes e conhecimentos. Muito embora, os espaços formais são acessados por grande parcela da sociedade, desta forma, devemos olhá-los como um espaço sócio-cultural. Assim,

(...) analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leve em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levando a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto. (Dayrell, 2006, p.136)

Todos os espaços educativos sejam eles formais ou não formais os quais se aplicou as práticas de estágios aqui identificadas localizam-se no município de

Itajaí. Com relação aos espaços formais, ocorreram as práticas na educação infantil (4º período⁴) e ensino fundamental (5º período) em Instituições Municipais de Ensino. Já as práticas aplicadas no ensino médio (6º período) e parte no magistério (7º período) em espaço Institucional Estadual de Ensino. A segunda parte do estágio (7º período) ocorreu no Ensino Técnico Profissionalizante no SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Por último durante o (8º período) de graduação, a prática do estágio ocorreu em espaço não formal de ensino na Casa Da Cultura Dide Brandão vinculada à Fundação Cultural de Itajaí reconhecida como espaço museal.

Independentemente do contexto, nível de ensino ou espaço seja ele formal e não formal estes devem ser pensados e sistematizados para uma educação em Arte e pela Arte em busca do conhecimento, estético e sensível. É em relação a esses dois espaços educativos formais e não formais que nos deteremos um pouco mais a seguir diferenciando-os e apontando suas especificidades.

2.2.1 Espaços Educacionais Formais

O Muro

É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda (...)
Alberto de Oliveira

Os muros das escolas tem mostrado a grande dificuldade de olhar de dentro para fora, e também de fora para dentro do contexto escolar. “O muro” impossibilita o desvendar do olhar, do mundo e do que acontece fora dele. É este muro que separa muitas vezes as realidades nuas e cruas, as realidades vividas por estes sujeitos inseridos neste espaço de educação formal “a escola”. Dimensiona-se assim, a dificuldade de possibilitar aos educandos os ambientes não formais de ensino principalmente em Arte, como, espaços expositivos, museus, Bibliotecas e Galerias de arte.

Arroyo (2011. p.96) coloca a escola como oficina de saberes e valores colocando que,

⁴O termo período refere-se ao período da formação do acadêmico docente na graduação do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Por isso esclarece-se que os estágios aconteceram do 4º ao 8º período da graduação, sendo que cada período corresponde a seis meses ou um semestre.

A experiência da escola é uma oficina carregada de saberes diferentes daqueles aprendidos na experiência familiar. Saberes sobre outros tipos humanos, outras formas de ser, pensar e interpretar a vida, de ser menino(a) jovem, adulto. O adulto professor(a) revela dimensões outras únicas, relações outras específicas, de adulto educador.

Diante disso, Arroyo nos coloca estes saberes e experiências direcionados para um Currículo oculto que pode e deve ser trabalhado no âmbito da escola, que deve ser incorporado e vivenciados em vários momentos, ou seja, trazer para dentro da escola também o que se constrói fora dos muros.

O espaço de educação formal são as Instituições Escolares de Educação Básica e do Ensino Superior definidas na lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Identificado pela escola, suas dependências físicas e arquitetônicas estruturadas como: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório. O espaço formal é reconhecido por um local onde a Educação é formalizada, assegurada por Lei e padronizada nacionalmente com seus sistemas e estruturas organizacionais. Ainda para Teixeira (1969), "... a educação formal é parte do contexto cultural da sociedade, atuando como expressão de sua continuidade e desenvolvimento."

Os espaços educacionais formais onde aconteceram as práticas de estágio do 4º ao 7º período ocorreram na educação básica, magistério e educação técnico-profissionalizante. Assim, a educação formal deve preparar o educando para atuar diante da sociedade oferecendo conhecimento científico nos espaços Institucionais reconhecidos pelo MEC - Ministério da Educação independentemente que sejam públicos ou privados, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturados no currículo.

Desta forma segundo Leão (2008), "a escola é o primeiro espaço formal educativo onde ocorre o processo educativo e de desenvolvimento de sujeitos". Diante disso, devemos segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's possibilitar o acesso e o contato com a Arte e suas linguagens: artes visuais, teatro, dança, música e literatura nos diferentes níveis de formação discente na educação básica.

O espaço escolar é, ao mesmo tempo, o conjunto de materialidades que compõem os variados ambientes freqüentados por educadores e estudantes e o "espaço sentido", o espaço de consciência onde se realizam as atividades de ensino e aprendizagem. (BRASIL, 2008)

Diante disso, os espaços de educação formal possuem suas especificidades únicas de práticas pensadas e idealizadas para tais, de forma que, consigamos desenvolver e aguçar nosso olhar e estar sensíveis para suas necessidades ao adentrarmos e o praticarmos como docentes.

2.2.2 Espaços não formais de educação

A educação não ocorre somente dentro do espaço escolar formal de ensino, mas, também no espaço não formal. Para Bianconi e Caruso (2005), “a educação não formal define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino.”

Considerando o espaço educacional não formal, o estágio do 8º e último período, aconteceu na Casa da Cultura Dide Brandão que está ligada à Fundação Cultural de Itajaí. Esta é reconhecida como museu, pois segundo categoria “Casa de Cultura” em definição segundo BRASIL - IPHAN⁵ Minc, 2005, museu é considerado como:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

Ainda no site do IPHAN, indica outro conceito mais poético para museu é de que:

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.

Muita ênfase se tem dado à educação presente nos sistemas formais de ensino – principalmente na educação básica – mas pouco se tem buscado compreender e investir nos diferentes espaços que se constituem como espaços educativos não formais, embora nem sempre são reconhecidos como tal. Estes atingem grande parte da sociedade como movimentos sociais, ações coletivas culturais, enfim, espaços de construção de novas sociabilidades e de ação de sujeitos coletivos. As práticas educativas nestes espaços são pouco discutidas diferentemente das práticas nos espaços de educação formal.

⁵ IPHAN - Instituto Patrimônio Histórico Artístico e Nacional. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br>

Baseando-se na recomendação feita na ‘Declaração de Caracas’ de 1992 – ICOM⁶ (2009) ressaltando a importância do museu como instrumento para educação:

(...) o museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de sua inteligência e capacidades crítica e cognitiva, assim como para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e auto-estima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e coletiva.

Desta forma, devemos olhar os espaços de educação não formal como verdadeiros espaços educativos, que possibilitam a construção de aprendizagens significativas tanto para docentes e discentes que ali se inserem. Assim, refletir a necessidade da formação do educador para este espaço, de modo que, possibilite vivências e experiências significativas, sensíveis e de aprendizagem, para que, fortaleçam ainda mais sua formação e atuação neste espaço.

Diante disso, é importante assegurar dentro dos currículos e na formação docente seja inicial ou continuada o acesso a práticas de estágio neste espaço.

2.3 O lugar da Arte nos currículos e nos espaços educacionais.

A Arte vem conquistando seu espaço na área educação. Muito embora garantida em lei como na LDB 9394/96 e obrigatória nos currículos da educação básica, somente a garantia deste espaço não realizará sozinho o papel que a Arte poderia desempenhar no processo de formação humana. Segundo Barbosa em seu texto Arte, Educação e Cultura, ressalta que:

Contudo, não é só incluindo arte no curriculum que a mágica de favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como construtor de sua própria nação acontece. Além de reservar um lugar para a arte no curriculum, o que está longe de ser realizado de fato, até mesmo pelos países desenvolvidos, é também necessário se preocupar como a arte é concebida e ensinada. (s/a, p.3)

Com referência a Educação Básica, vale ressaltar que a Arte na Educação Infantil é um dos eixos do currículo e não conteúdo diferente dos demais níveis de ensino da Educação Básica, onde a Arte configura-se como componente curricular obrigatório como disciplina, sendo trabalhada e oferecida nos diferentes níveis fundamental e médio nos quais se atuou durante as práticas de estágio dos 5º, 6º e 7º períodos da graduação do curso de Artes Visuais.

⁶ ICOM – Conselho Internacional de Museus.

Segundo os RCNEI, “No processo de aprendizagem em Artes Visuais a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna ou externa.”(BRASIL, 1998, p.91). Diante disso possibilitar a Arte e seus processos expondo a criança a experiências sensíveis enriquece desde cedo sua formação voltada para a área artística.

Na educação infantil, por ser um espaço de vivências, experiências, aprendizagens, a Arte favorecerá formação constante, pois antes mesmo da linguagem oral e escrita as crianças já registram e se expressam por traços, elas se comunicam. Diante disso, este espaço educativo tem grande particularidade para a arte educação e uma característica que o distingue dos demais espaços. A abordagem para este espaço também possui especificidades únicas, pois, o público de 0 a 6 anos necessita de estratégias diferenciadas específicas para este público.

No estágio do 7º período que aconteceu parte no magistério verificou-se que o ensino da Arte também estava assegurado como disciplina permanente no currículo, de forma relevante para a formação do futuro professor que ali está em formação como discente. No ensino técnico profissionalizante, a prática de estágio ocorreu no curso de Consultoria em Moda em parte do 7º período. Neste curso a Arte não se configura como conteúdo, nem como disciplina, devido ser mais focado na formação profissional dos discentes. Porém, optou-se por este curso por acreditar que a Arte tem total relação com a área da Moda. Diante dos conteúdos ao serem abordados, justificou-se e sensibilizou-se através da Arte a ligação e importância da Arte em suas formações na área da Moda. Criando e garantindo assim o espaço para o ensino da Arte significativo aos discentes em formação profissional.

O ensino da Arte, mesmo que nem sempre garantido nos currículos em alguns espaços de ensino, vem sendo discutidos devido sua importância para formação humana. Pois segundo Barbosa (s/a)⁷, “através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e

⁷ Ana Mae Barbosa em seu texto: **Arte, Educação e Cultura** in BRASIL. Ministério de Relações Internacionais – Departamento Cultural – **Revista 7, Mat.5, S/A**. Ver nas referências.

emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças.”

Diante disso, ao refletirmos o espaço de ensino em Arte, desejaria que fosse um olhar mais poético e estético para o ensino e aprendizagem, pois assim, deveria ser todo e qualquer espaço de ensino, não somente o de Arte. Durante as intervenções de estágios observou-se muito dos espaços de ensino e aprendizagem em Arte, porém, estes espaços, muito pouco são pensados para as possibilidades de despertar os sentidos, o estético e sensibilizações para a Arte pela educação sensível. Tais espaços, ora são comuns e ora insignificantes causando um distanciamento da Arte para o ensino e aprendizagem.

Desta forma, além de pensar o espaço para Arte nos currículos das instituições educativas, também devemos pensar o espaço físico e até arquitetônico de ambiente para que tal aprendizagem aconteça significativamente de forma estética e sensível, pois ao olharmos a Arte como área de formação, segundo Barbosa s/a,

Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc., não podem dizer porque elas usam um outro tipo de linguagem, a discursiva, a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais.

Tendo em vista este trecho de uma das maiores autoras que discute o ensino da arte na contemporaneidade podemos ter a dimensão da importância da Arte na formação do sujeito, além de garantir nos currículos o espaço da Arte, mas, repensar os espaços físicos e arquitetônicos que participarão na formação do discente e docente nos diferentes contextos educacionais.

2.4 As percepções e reflexões advindas das práticas observadas e aplicadas nos diferentes contextos e espaços educacionais.

As percepções e reflexões deram-se no decorrer das observações e práticas de estágio curricular obrigatório. Diante disso, Anísio Teixeira *in* (NUNES, 2000) fortalece nossas reflexões quando nos coloca que “não há possibilidade de aprimorar a educação em qualquer nível sem aprimorar a formação docente.” Desta forma, a prática de estágio como formação fortalece não somente a formação do docente, mas também a educação como um todo.

As abordagens utilizadas durante as intervenções foram influenciadas pela Proposta Triangular cuja autora é a brasileira Ana Mae Barbosa. Esta proposta,

inicialmente chamada de Aprendizagem Triangular, é derivada de uma dupla triangulação, conforme suas palavras:

A primeira, de natureza epistemológica, ao designar os componentes do ensino/aprendizagem por três ações básicas: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. A segunda triangulação está na própria sistematização, originada de uma tríplice influência, na deglutição de três abordagens epistemológicas: as Escuelas al aire libre mexicanas, Critical Studies inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao Discipline-Based Art Education (DBAE) americano. BARBOSA,(1998, p.35)

Orientando-se por esta abordagem, discutiremos nos próximos parágrafos criticamente algumas posturas de práticas observadas e ressaltaremos também a formação dos sujeitos autores destas práticas observadas nas diferentes instituições de ensino e espaços de educação vivenciados.

2.4.1 As práticas em Arte nos diferentes espaços formais de educação.

Durante as práticas de estágio nos espaços formais, observaram-se como estas vinham sendo aplicadas pelo profissional educador. Identificou-se um grande distanciamento entre teoria e prática nos diversos níveis de ensino. Assim, refletiu-se e planejou-se as práticas posteriormente aplicadas durante as intervenções da prática de estágio docente.

Durante o estágio na Educação Infantil as práticas observadas eram direcionadas como passatempos sem significado, ou como uma prática meramente decorativa e reprodutiva sem valorizar a identidade e processo de criação do próprio da criança. Vale ressaltar que, o professor autor desta prática não possui formação na área de Arte, pois, o município não oferece o professor de arte para este nível de ensino, diante disso, o professor atuante tem como formação Pedagogia com habilitação para Educação Infantil.

As experiências e o contato com o espaço de formação possibilitou novo olhar e novas possibilidades de prática, formação e estratégias por se constituir um espaço de cautela e ao mesmo tempo de possibilidades fortalecendo a formação docente praticante naquele espaço.

Já nos estágios do Ensino Fundamental, dentre eles, anos iniciais e finais (1ºano a 8ª série) identificou-se uma preocupação constante com o fazer, contextualizar e refletir sobre a produção artística e estética do educando, favorecendo uma educação crítica, reflexiva e sensível através dos

conhecimentos em Arte. Vale ressaltar que, as professoras do campo de estágio possuem formação inicial em Arte e pós-graduação a nível Mestrado em Educação. Suas formações, possivelmente, podem ter influenciado suas práticas.

As experiências nestes períodos foram importantes para formação docente, pois foram estratégias adotadas mais uma vez diferenciadas e pensadas para o público, assim, os resultados considerados positivos. Uma das únicas dificuldades foi em relação ao espaço físico para oficinas práticas referentes às estratégias adotadas, porém que não interferiu significativamente nos resultados alcançados.

Durante o estágio no ensino médio, observou-se que a prática de ensino em Arte foi centralizada no professor, através de leitura de textos e repasse de conteúdos. Identificou-se que o professor tem formação na área de Artes Cênicas. A prática observada teve como conteúdo os elementos da música. O material didático utilizado pelo docente da Instituição durante as aulas observadas foi uma apostila retirada da internet. A prática pode ter sido influenciada pela falta de formação na área e como vem ocorrendo com os currículos que sugerem o conteúdo nas diversas linguagens.

Observou-se que o professor acima descrito, acabou por elaborar sua prática sem apropriação significativa do conhecimento na área de música, talvez por não possuir formação específica na área de música. Segundo Penna *in* PEREGRINO (1995, p.19) “A educação musical é a forma de concretizar para os indivíduos a posse de esquemas de percepção, assim é o momento de interagirem com a música e com os conhecimentos criticamente e conscientemente.” Ou seja, sem a percepção ou apreciação das sonoridades atribuídas pelo conteúdo trabalhado tão pouco haveria significação e sentido gerando uma aprendizagem significativa.

A intervenção prática no Ensino Médio foi pensada, afim de, reverter a situação observada por meio da utilização de instrumentos para a produção de sons através de experimentações conhecessem e identificassem cada um dos elementos compositivos dos sons diferenciando-os praticamente. Muito embora não existe na formação de Artes Visuais o conhecimento mais aprofundado na área de música. Considerou-se importante a necessidade de encontrar novas possibilidades e estratégias mesmo não sendo a área de formação inicial, mas como docente responsável e comprometido com as demais linguagens da Arte.

No estágio no curso de Magistério, observou-se que, mais uma vez a professora não possui formação na área de Arte e sim como Pedagogia. Sua prática era bem discursiva, porém com muita experiência durante seus mais de vinte anos de carreira docente.

O estágio no ensino técnico profissionalizante do curso de Consultoria em Moda do SENAC possibilitou novos olhares e novos paradigmas onde a Arte encontra-se essencialmente nos currículos mesmo que não explícito, mas como Currículo Oculto⁸. Este espaço não foi somente um espaço de estágio para a prática de ensino, mas, um espaço conquistado à Arte, mesmo que não aparecendo como conteúdo nem como disciplina, mas, como essência para o aprendizado significativo. Segundo Barbosa (s/a), quando ressalta a importância da Arte para o desenvolvimento profissional que:

Um grande número de trabalhos e profissões estão direta ou indiretamente relacionados à arte comercial e propaganda, out-doors, cinema, vídeo, à publicação de livros e revistas, à produção de discos, fitas e Cds, som e cenários para a televisão, e todos esses campos do design para a moda e indústria têxtil, design gráfico, decoração etc.(...) muitos outros profissionais similares poderiam ser mais eficientes se conhecessem, fizessem arte e tivessem desenvolvido sua capacidade analítica através da interpretação dos trabalhos artísticos em seu contexto histórico.

O que favoreceu neste espaço na formação docente foi o olhar para o contexto, foi o pensar sobre a estratégia, foi o olhar sensível de estabelecer relação da Arte para a área de formação dos discentes ali presentes, que buscam ver sentido, gerar significado para que a aprendizagem aconteça, pois segundo Pillar (1999 p.13)

O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações etc. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo.

Desta forma, a experiência para a formação docente e discente foi significativa e de relações estabelecidas entre o contexto, o espaço e a Arte como área do conhecimento, gerando assim significados e entendimentos para os

⁸ Currículo Oculto - envolve, predominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. Fazem parte do currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por agrupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos(as) professores(as) e nos livros didáticos. (MOREIRA, CANDAU. P.18, 2007)

discentes e docentes. Nos resultados deste espaço de ensino técnico considerou-se uma prática de sucesso estabelecida com segurança e propriedade.

Ambos os espaços educativos formais foram muito significativos diante das experiências e práticas aplicadas, advindo delas reflexões e significados construídos únicos para constituição e formação docente. Suas características, identificações e especificidades únicas para cada contexto fortaleceu as reflexões acerca de cada espaço. Porém observou-se muito equívoco para com os objetivos do ensino de Artes Visuais, que segundo Barbosa ressalta que,

(...) a anemia teórica domina a arte-educação que está fracassando na sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre artes visuais, organizado de forma a relacionar produção artística com apreciação estética e informação histórica. esta integração corresponde à epistemologia da arte.(s/a, p.3)

Diante disso, como profissionais em formação não poderemos perder de vista em nossas práticas a missão citada por uma das maiores autores na área da arte educação.

2.4.2 A Arte no contexto de educação não formal em espaço expositivo

Segundo Barbosa s/a, no texto “Arte educação em um museu de arte” expõe que: “(...) no Brasil, o trabalho do arte-educador nos museus tem sido improvisado, desde os anos 50, quando Ecylla Castanheira Brandão e Sígrid Porto de Barros começaram a organizar os primeiros serviços educativos em museus.” Verifica-se então a importância das práticas para a formação do docente a atuar nestes espaços educativos para formação deste profissional.

No que diz ICOM, no item 6 da Declaração de Caracas de 1992, quanto a profissionalização dos funcionários de museu que tem como prioridades sua capacitação,

A profissionalização do funcionário de museus é uma prioridade que esta instituição deve encarar como premissa para contribuir para o desenvolvimento integral dos povos. Sua formação deve capacitá-lo para desempenhar a tarefa interdisciplinar própria do museu atual, ao mesmo tempo que, lhe conceda os elementos indispensáveis para exercer uma liderança social, uma gerência eficiente e uma comunicação adequada.

Segundo Fronza e Martins (2006) comenta que “A questão da educação em museus possui importante foco de interesse na atualidade, tanto no que diz respeito ao seu papel social, quando no que se refere às práticas realizadas nesse espaço e suas possíveis reflexões.” Desta forma, parte do estágio

aconteceu neste espaço olhando-o como espaço de formação e construção de saberes.

Segundo Barbosa (s/a p.4) em seu texto Arte, Educação e Cultura “Os museus são lugares para a educação concreta sobre a herança cultural que deveria pertencer a todos, não somente a uma classe econômica e social privilegiada”. Desta forma, Barbosa nos coloca a dimensão da importância deste espaço de educação não formal em Arte e o pertencimento e acesso a todos, não somente aos mais privilegiados, mas, ao público sem distinção.

Diante da especificidade do estágio realizado em espaço cultural artístico, observou-se que no espaço atuado Casa da Cultura Dide Brandão a única profissional a ter tal formação na área de Arte é a Diretora, além do que, a Instituição não possui um educador habilitado para tal área de atuação e formação específica para o espaço artístico cultural museal. Na maioria das vezes atuaram como recepcionistas e telefonistas da casa, as quais já atuam há alguns anos na Instituição, as mesmas possuem formação de vários níveis.

A temática trabalhada durante o estágio foi a própria Casa da Cultura que comemora seu centenário neste ano de 2013, desta forma à festejar tal espaço toda a monitoria deu-se com ênfase na história da casa, sua história e um olhar sobre ela através de documentários e exposições de fotografias que aconteceu naquele período, contextualizando e direcionando o olhar dos visitantes à aquele espaço.

A prática aplicada no espaço não formal teve como abordagem a mediação como: “mediar é estar entre. Um estar contudo, que não é passivo nem fixo, mas ativo, flexível, propositor” Martins(2005, p.54). Segundo Martins (2005,p.52) “a ação mediadora e o fazer pedagógico desvelam as preocupações e concepções de ensino que constituem a identidade do educador”. Desta forma, a autora ainda coloca o perfil do educador mediador quando ressalta que “para ser mediador é preciso cultivar uma postura reflexiva e provocadora, capaz de planejar jogos estéticos, ativar descobertas e despertar o interesse de olhar mais além.”

O planejamento objetivou a formação educacional e cultural dos indivíduos de todos os grupos sociais, idades e formações direcionando e possibilitando acesso, experiências e vivências privilegiando a aprendizagem que, através do conhecimento e reflexão se identificarão como sujeitos imersos e produtores de

culturas ao longo de suas experiências. Assim, a proposição para aquele espaço foi justamente este olhar mais além, olhar o antes e o depois do espaço que anteriormente foi uma escola e hoje um Centro Cultural, ressaltando que é deles, despertando o olhar de pertencimento.

A educação ao ser voltada para o espaço de instituição museológica ou cultural por meio de ação educativa mediada, possibilitou o diálogo ampliado além de contribuir para a formação dos sujeitos visitantes e formadores de tal espaço, contribuiu para com a educação estética, histórica e temporal dos sujeitos e sociedade constituída por todos os envolvidos, sejam eles mediadores, mediados ou sujeitos pertencentes aquele espaço. Cada atendimento e intervenção surpreenderam-nos diante da diversidade e intencionalidade do público para com aquele espaço. Identificou-se uma rotina nem sempre previsível e variedade de interesses. Diante disso, as percepções advindas das experiências, as estratégias de mediação alcançaram os diferentes públicos.

2.5 Como as práticas nestes diferentes espaços fortaleceram a formação docente?

Várias foram as diferenças identificadas entre os dois espaços formais e não formais, muitas ainda são as dificuldades que estes espaços educacionais proporcionam diante das intenções de ensino e aprendizagem para uma educação em arte capaz de cumprir com os objetivos propostos. Objetivos estes que, segundo Ferraz e Fusari, (2010, p.22) que a disciplina de Arte “deverá garantir que os alunos conheçam e vivenciem aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos em música, artes visuais, desenho, teatro, dança, audiovisuais.” Mais que isso, o ensino em arte seja ele como disciplina ou não, possibilite segundo:

(...) é possível atingir-se um conhecimento mais amplo e aprofundado da arte, incorporando ações como: ver, ouvir, mover-se, sentir, pensar, descobrir, exprimir, fazer (...) é com essa abrangência que a arte deve ser apropriada por todos os estudantes, indiscriminadamente.(p.22)

Durante as práticas vivenciadas e aplicadas nos espaços formais de ensino desde a Educação Básica ao Ensino técnico Profissionalizante e não formais de ensino foram de grande significância para o processo de formação docente.

ESPAÇOS FORMAIS:	ESPAÇOS NÃO FORMAIS:
-------------------------	-----------------------------

Prática observada	Prática observada
Distanciamento entre teoria e prática; Prática comprometida; Práticas diversas; Professores com e sem formação na área; Avaliação sumativa e formativa;	Público diversificado; Objetivos de aprendizagem diversos; Projeto educativo em parceria com SEMEI ⁹ ; Profissionais sem formação na área exceto direção;
Prática aplicada	Prática aplicada
Abordagem Triangular; Estratégia com novas possibilidades; Significativas dentre os contextos; Prática comprometida com a teoria;	Abordagem de Mediação; Acesso, experiência e vivência; Olhar para a Casa e sua história e apreciação das exposições; Diálogo ampliado e avaliação participativa; Estratégias diversas e variadas;

FONTE: Quadro elaborado pelo autor.

O quadro apresentado acima mostra as principais diferenciações destes espaços formais de ensino, identificados durante as observações e propostas nas intervenções de estágio.

Se nos espaços formais a Arte como disciplina obrigatória no Currículo da educação básica, ora como Eixo na educação infantil, ora como contextualização e essência para o Ensino Técnico Profissionalizante, nos espaços não formais, este currículo está oculto, sendo que não existe uma padronização de normas, estratégias, conteudistas, avaliativas de categoria sumativa e até de públicos hierarquizados para tal prática. Diante disso, as práticas no espaço não formal requer mais do que um planejamento, mas sim, estratégias diversas, pois o público pode ser tanto o coletivo de educação formal quanto um cidadão comum que entrou ali por acaso para saber o que ali acontece. Desta forma, identificou-se também a necessidade de variadas estratégias de ensino e mediação para estabelecer com o público significação, receptividade e maleabilidade para com os visitantes daquele espaço assim como os diferentes interesses de aprendizagem.

A diferença destes espaços não implica que, devido não existir uma padronização no espaço não formal considere-se um deixar fazer a qualquer

⁹SEMEI – Secretaria Municipal de Educação de Itajaí

modo nestes espaços de educação. Não. Pois, segundo Afonso *in* (ESTEVEES 1992, p.86),

(...) por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas, enquanto que (...) a educação não-formal embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a sua finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

Estas características são os elementos que diferenciou as práticas e marcou as reflexões e intenções de repensar esta pragmática metodologia pedagógica do ensino, para pautarmos um pouco mais provocativas e abertas as intervenções e provocações nestes espaços não formais. Ou seja, tirar a formalidade das práticas pedagógicas, não estabelecer a formalidade em espaços que não são formais. E identificou-se que, não foi fácil!

Ainda com relação às contribuições para a formação docente, segundo Ferraz e Fusari ser professor de Arte é:

Atuar através de uma pedagogia mais progressista e mais realista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo assim que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura nas diversas manifestações. E para que isso ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico. (2010,p.51)

Desta forma, para que o professor de arte possibilite tal formação aos seus discentes, é necessário que sua formação perpassasse os conhecimentos teóricos, práticos e principalmente artísticos e estéticos. No que diz respeito também aos métodos de ensino em Arte, Ferraz e Fusari (2010, p.70) ainda coloca que “os métodos de educação escolar em Arte são os próprios caminhos delineados no ensino e aprendizagem artística e estética para se chegar a uma finalidade”. Assim, independente da formalidade dos espaços, os métodos ou abordagens sempre existirão, pois os caminhos perpassam todas as intervenções independentes dos espaços e formalidades de atuação do docente em Arte.

As contribuições dos estágios nos espaços formais e não formais de educação, possibilitou para a formação e experiência docente quanto à realidade dos diversos contextos e espaços, diversificando-os quanto a planejamentos, públicos, especificidades, intenções e os diferentes olhares quanto ao configurarem-se como espaços educativos importantes para a formação docente.

O conceito que contribuiu para compreender como as práticas de estágio fortaleceram a formação do docente em Arte é o de “experiência” empregado por Jorge Larrosa (2004), que define-se como “possibilidade de troca de saberes, os quais sempre vêm acompanhados de ensinamentos morais e éticos”, advindos não somente dos espaços, mas também dos encontros para orientações e trocas pelos docentes nos espaços de atuação e docentes orientadores da Universidade.

Ainda a reflexão sobre a experiência segundo, Larrosa:

[...] a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou que nos toque requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (2004, p.160).

Este gesto de interrupção para a formação do docente estagiário possibilitou refletir, pensar e repensar, planejar e replanejar, pesquisar, aguçar o olhar, a sensibilidade pela ética e estética das estratégias desenvolvidas durante o estágio. A reflexão de todo o processo durante as práticas de estágio garantiu possibilidades e estratégias desenvolvidas durante o percurso e conseqüentemente fortaleceu a formação do docente em Arte.

Desta forma, como no início deste artigo citei Freire (1997, p.25) “(...) quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender.” Assim aprendemos todos juntos em processo constante, todos os envolvidos dentre os professores orientadores da Universidade, professores supervisores nos campos de estágio, docentes estagiários licenciandos e discentes, sujeitos dos espaços aqui ora discutidos.

As experiências advindas das práticas de estágio supervisionado obrigatório possibilitaram novo olhar ao processo de ensino e aprendizagem diferenciando as estratégias e maneiras de pensar a educação em Arte nos diferentes espaços vivenciados e praticados durante os cinco períodos de práticas de estágio. Assim, muito me encanta as palavras de Fernando Pessoa comparada a todas as experiências no decorrer dos estágios quando poetisa:

Sentir tudo de todas as maneiras, viver tudo de todos os lados, ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo realizar em si toda a humanidade de todos os momentos num só momento difuso, profundo, completo e longínquo.¹⁰

Desta forma sintetizo as experiências e todo aprendizado que construí no decorrer da formação docente seja ela teórica, técnica, sensível, artística e estética.

2.6 Considerações

Ao questionarmos “Como o estágio supervisionado nos diferentes espaços educativos formais e não formais contribui para a formação do docente em Arte?” analisamos que os estágios supervisionados durante a formação docente inicial do curso de Artes Visuais que aconteceu nos diferentes espaços educativos formais e não formais contribuiu para percepção, vivência, práticas, reflexões e análises dos diferentes espaços educacionais. Identificando e diferenciando as necessidades de cada espaço, seus contextos e seus objetivos e especificidades enquanto espaços educativos de aprendizagem relevantes para a formação da sociedade como um todo.

A atuação nos diferentes espaços de ensino possibilitou ainda para a formação docente novos olhares, novas práticas e novas percepções quanto às necessidades e especificidades dos espaços praticados, públicos diversificados, abordagens e estratégias planejadas e aplicadas para cada caso, espaço, contexto e necessidade advinda do espaço praticado, independente da formalidade do espaços ou não.

O desafio para a formação do docente em Arte é grande, na medida em que, devemos incorporar a cada dia novas possibilidades superando limites considerando o cotidiano, o contexto e os espaços educacionais como espaços de constante formação e transformação docente. Diante disso, a formação do docente em Arte deve ser entendida em uma perspectiva ampla de experiências variadas, coletivas, reflexivas, práticas, teóricas e principalmente artística, estética e sensível.

¹⁰ Disponível em: <<http://ogrifoemeu.com/tag/fernando-pessoa/>>. (site). Fernando Pessoa, Passagem das horas.

Esta pesquisa não se encerra aqui. Como nosso objeto de estudo se insere com reflexões em formação de professores e espaços educacionais em Arte, novos olhares se integrarão intencionando novas investigações. Como sugestão a pensar, fica um novo questionamento: será que estes espaços estão sendo pensados para o ensino e aprendizagem em Arte como espaços estéticos de formação?

Os espaços educativos necessitam e devem ser percebidos e concebidos como espaços estéticos principalmente sendo espaços voltados para arte educação. Transformar estes espaços em lugares por meio do acesso à Cultura, Arte e Educação aliada ao conhecimento é papel fundamental na arte educação. Podemos então pensar a escola como um espaço, mas que possamos construir lugares dentro deste espaço, construção de conhecimentos artísticos e estéticos de formação sensível na Arte, pela Arte e para a Arte pensando na formação tanto do docente quanto do discente.

Enfim que os muros das escolas caiam e que as portas dos espaços não formais possam se abrir cada vez mais...

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 2011, 2ª ed. Ed. Vozes.

BARBOSA, Ana Mae. Arte, Educação e Cultura *in* BRASIL. **Ministério de Relações Internacionais - Departamento Cultural** – Revista 7, Mat.5, s/a. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf>>. Último acesso em: 29, out, 2013.

_____, Arte-educação em um museu de arte. *In* **Revista USP**. Jun. Jul. Ago. 1989 (p.125, 132). Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/02/18-anamae.pdf>>. Acesso em: 01nov, 2013.

_____, **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BERNARDES, S. T. de A. O fazer e o pensar na sala de aula *in* **ANPED – Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação**. Disponível em:<www.anped.org.br/reunioes/25/posteres/sueliteresinhabernardesp08.rtf>. Acesso em: 10, Out. 2013.

BIANCONI, M. Lucia; CARUSO, Francisco. **Educação não-formal**. Cienc. Cult., Dez 2005, vol.57, n.4, p.20-20. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em: 18, Out, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Teorias do espaço educativo**. Brasília, DF, 2008.

_____. Ministério da Educação. **LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 01, Out. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES 1/2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf>. Acesso em 10, Out, 2013.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, p. 136-161, 1996.

ESTEVES, Antonio Joaquim; STOER, Stephen (orgs.). **A sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento**. Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Ed. Afrontamento, 1992.

FERRAZ, Maria Heloisa; FUSARI, Maria Rezende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro; Paz e terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FRONZA E MARTINS. Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte *in Revista de Educação*, Vol.9, n.9, 2006. Disponível em:<<http://sare.unianhanguera.edu.br>>(p.198/195)

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis. Editora Vozes, 1987.

ICOM. Declaração de Caracas *in Revista Museu: cultura levada a sério*, 1992. (site) Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br>>. Acesso em: 18 de ago, 2013.

IPHAN – Minc. Museu *in IBRAM-Instituto Brasileiro de Museus*, 2005. Site. Disponível em:< <http://www.museus.gov.br/museu/>>. Acesso em: 10, ago 2013.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEÃO, M, R. **A Arte no Espaço Educativo**. Disponível em:< http://caracol.imaginario.com/paragrafo_aberto/rml_arteduca.html>. Acesso em 24, ago., 2013.

LEITE, Maria Isabel. **ESCOLA: ESPAÇO DE AUTORIA E EXPRESSÃO?** ANPEd-Sul em 2004 – GT Educação e Cultura.

Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, p. 136-161, 1996.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação: Provocações Estéticas.** Grupo de Pesquisa, CNPq UNESP, Ano1, N°1, Novembro, Ed. Acadêmica, São Paulo 2005.
MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. CANDAU, Vera Maria. Currículo, Conhecimento e Cultura *in Indagações sobre Currículo*, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>>. Acesso em: 01, Dez, 2013.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira entre nós: A defesa da educação como direito de todos in Educação & Sociedade.** vol.21 nº73, Campinas, Dez. 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302000000400002>>. Acesso em: 29, out, 2013.

OLIVEIRA, Alberto. **O Muro.** Disponível em:<<http://www.elsonfroes.com.br/sonetario/kawanami.htm>>. Acesso em:10, Ago. 2013.

OLIVEIRA, Eloiza da S. G. de; CUNHA, Vera L. O estágio supervisionado na formação continuada docente a distância: desafios a vencer e construção de novas subjetividades. **RED. Revista de Educación a Distancia.** Murcia (*España*). v. 5, n. 14, p. 1-18, *marzo* 2006. Disponível em: < www.um.es/ead/red/14/oliveira.pdf> Acesso em: 10 Out. 2012.

PEREGRINO, Yara R. **Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura.** P. 12 – 17, Editora Universitária, UFPB, João Pessoa, 1995.

PILLAR, Analice D. (Org.). **A educação do olhar no ensino das Artes.** Ed. Mediação Porto Alegre: Ed. Mediação, 6ª ed., 2011.

TEIXEIRA, Anísio (1969) *apud* JUNIOR, Francisco R. P. **Anísio Teixeira: Vida, Obras e Movimento.** Disponível em:<<http://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/teixeira/introd.htm>>. Acesso em> 05, out, 2013.

UNIVALI; **Cadernos de Ensino: documentos institucionais;** Ed. UNIVALI, Itajaí, 2011.